

## RETALHOS QUE CONTAM: ARTICULAÇÕES TEÓRICAS E PRÁTICAS NA FORMAÇÃO DOCENTE DIRECIONADA À INCLUSÃO

Ana Claudia de Sousa Alves\*

Francisca Melo Agapito\*\*

**Resumo:** O artigo objetiva analisar aprendizagens de acadêmicos de Pedagogia direcionadas à inclusão, com base no projeto *Retalhos que contam...* Os referenciais teóricos abordam a formação docente e a inclusão (CARVALHO, 2012; PLESTSH, 2009). O lócus investigativo foi uma turma do quinto período de Pedagogia de uma Faculdade de Imperatriz/MA. Esta é uma pesquisa-ação, com abordagem qualitativa e exploratória. A partir dos livros pedagógicos acessíveis construídos pelos acadêmicos, realizou-se a análise de conteúdo pautada em Bardin (2011), que apontou como resultados: aprendizagens referentes à inclusão, sobretudo à acessibilidade e às diferenças; a produtividade de operar com projetos articulando teoria e prática em prol de uma formação docente consistente voltada à inclusão.

**Palavras-chave:** Formação docente. Livros acessíveis. Alunos com deficiência. Oficina pedagógica.

### **FLAPS THAT COUNT: THEORETICAL AND PRACTICAL ARTICULATIONS IN TEACHER EDUCATION AIMED AT INCLUSION**

**Abstract:** The article aims to analyze the learning of Pedagogy academics aimed at inclusion, based on the *Retalhos que conta* project... The theoretical references address teacher training and inclusion (PLESTSH, 2009, CARVALHO, 2012), among others. The investigative locus was a class of the 5th period of Pedagogy of a Faculty of Imperatriz/MA. It is an action research, with a qualitative and exploratory approach. From the accessible pedagogical books built by the academics, we carried out a content analysis based on Bardin (2011), who pointed out the following results: a) learning related to inclusion, especially accessibility and differences; b) the productivity of operating with projects articulating theory and practice in favor of consistent teacher training focused on inclusion..

**Keywords:** Teacher training. Accessible books. Disabled students. Pedagogical workshop.

### **Costuras iniciais**

O processo formativo como um todo deve visar à articulação entre teoria e prática, proporcionar a construção de bases críticas e reflexivas para experiências futuras no fazer pedagógico, entre outros aspectos (PIMENTA,

2005). Nesse contexto, Instituições de Ensino Superior (IES) precisam fomentar a construção de conhecimentos sobre diferentes temáticas, situando o papel do futuro docente, além de subsidiar elementos que embasem sua prática pedagógica. Sendo assim, tal formação deve propiciar uma visão mais global de educação, logo, aliada ao preparo técnico. Há, sobretudo, a necessidade de abordar os aspectos pedagógico, sociológico, entre outros de igual importância.

Agrega-se, ainda, a necessidade de uma formação voltada a atender as necessidades dos diferentes públicos imersos nas escolas. Nesse contexto, direcionamos nosso foco para os alunos com deficiência. Assim, respaldamos em **Silva (2014)**, p. 28) ao conceituar que são pessoas “que têm impedimento de longo prazo, de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, que, em interação com diversas barreiras, podem ter restringida sua participação plena e efetiva na escola e na sociedade.” Essa ideia deve ser levada em consideração desde o momento da inclusão desse aluno no ambiente educacional. Isso posto, para que haja um trabalho pedagógico direcionado a esses alunos, é fator indispensável uma formação que contemple aspectos conceituais e operacionais sobre essa temática para o exercício profissional consistente.

Na contemporaneidade, diferentes legislações foram criadas para assegurar ao futuro docente uma formação que abarque conhecimentos acerca de alunos com deficiência, além de formas de condução de um trabalho coerente, que respeite as diferenças. Conforme já apontava a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) n.º 9.394/1996, capítulo V, artigo 59, é assegurado que os sistemas de ensino disponibilizem “III - professores com especialização adequada em nível médio ou superior, para atendimento especializado, bem como professores do ensino regular capacitados para a integração desses educandos nas classes comuns.” (BRASIL, 1996).

A criação de outras legislações (BRASIL, 2008, 2015) corrobora a citada lei e determina que haja um processo formativo coerente com as especificidades apresentadas mediante a matrícula de alunos com alguma deficiência na sala de aula regular. A esse respeito, temos a Lei Brasileira de Inclusão (LBI) n.º 13.146/2015, que especifica o direito à educação de qualidade. Ela assegura um sistema educacional de ensino inclusivo, sendo uma de suas dimensões a

formação inicial e continuada de professores em prol de práticas pedagógicas inclusivas (BRASIL, 2015).

De igual modo, diferentes estudos investigam a formação docente para inclusão (CARVALHO, 2012; PIMENTEL, 2012; PLETSCHE, 2009). Os resultados evidenciados revelam que há uma carência no processo formativo, no que tange ao preparo para atender alunos com deficiência em sala de aula. Com efeito, pesquisas recentes denotam que a formação docente inicial e continuada deve atender às necessidades atuais; ou seja, a busca é no sentido de perpassar as abordagens superficiais e focar nas demandas que se apresentam em âmbito educacional, dadas as mudanças que ocorrem constantemente.

Isso posto, entendemos que a formação docente na atualidade deve oportunizar a construção de estratégias de pensamento, percepção, estímulos, além de ações que favoreçam o desenvolvimento pleno dos alunos com deficiência. No entanto, ainda que alguns avanços tenham se efetuado, muitos são os desafios para a concretização de práticas pedagógicas efetivas que potencializem a construção de conhecimentos para esses alunos.

Para reverter tal situação, urge a necessidade de articular ações condizentes com as exigências da sociedade atual que oportunizem conhecimentos aos acadêmicos em formação. Nessa perspectiva, a utilização de propostas diferenciadas que instiguem e contemplem aprendizagens que contribuam para ações pedagógicas eficazes é bastante oportuna.

Tendo isso em vista, o seguinte questionamento incitou as costuras desta investigação: como o desenvolvimento de projetos pode contribuir para a formação de futuros docentes em prol de ensino e aprendizagem de alunos com deficiência? Partindo dessa pergunta, a investigação tem como objetivo analisar aprendizagens de acadêmicos de Pedagogia direcionadas à inclusão, com base no projeto *Retalhos que contam...*

Para tanto, iniciamos as costuras desta investigação com algumas balizas teóricas acerca da formação docente; apresentamos alguns apontamentos sobre recursos pedagógicos acessíveis e, em seguida, descrevemos as costuras metodológicas. Diante do escrutínio do material, evocamos alguns resultados evidenciados com base no desenvolvimento do projeto *Retalhos que contam...*, cujas ações serviram de embasamento para as

análises. Por fim, tecemos algumas amarrações pertinentes sobre a temática e as possibilidades que emergiram.

## **1 Da formação docente: entremeando pontos**

No emaranhado de saberes construídos na formação docente, é imprescindível que haja uma preparação que propicie a relação entre teoria e prática. Diante do momento contemporâneo, o futuro docente carece obter conhecimentos consistentes e ser capaz de mediar ensino e aprendizagens coerentes (MASETTO, 2012). Esses aspectos devem, ainda, ser estendidos às construções que contemplem o trabalho pedagógico com os alunos com deficiência. A essa perspectiva, também se direcionam os estudos de Pimentel (2012, p. 140) ao apontar a necessidade de formação para atender a inclusão que contemple conhecimentos “para atuar na diversidade, compreendendo as diferenças e valorizando as potencialidades de cada estudante, de modo que o ensino favoreça a aprendizagem de todos.” Nessa senda, o autor ainda complementa que “o professor formado para atuar com a educação inclusiva deve compreender a diversidade, problematizar o currículo a ela direcionado e buscar formas de ensinar de modo a favorecer a aprendizagem.” (PIMENTEL, 2012, p. 148).

A educação inclusiva e o professor inserido nesse contexto emergem como possibilidades para que todos aqueles que foram excluídos em tempos outros possam finalmente participar de forma ativa do processo de ensino e aprendizagem que a escola visa a oportunizar. “A Educação Inclusiva é a transformação para uma sociedade inclusiva, um processo em que se amplia a participação de todos os alunos nos estabelecimentos de ensino regular.” (NETO et al., 2018, p. 86).

Nesse panorama, os atores sociais que fazem parte da instituição escolar, em particular, os professores, devem adquirir conhecimentos sobre modos de trabalhar com a diversidade em sala de aula. Assim sendo, o processo formativo exterioriza-se como ferramenta para formar bases teóricas, práticas e metodológicas àqueles que lidam/lidarão diretamente com alunos com deficiência.

Contudo, formações iniciais, e até as continuadas, ainda carecem buscar a articulação entre o conhecimento acadêmico e as necessidades cotidianas de alunos que são o público-alvo da Educação Especial, entre os quais enfocamos aqueles que têm deficiência (BRASIL, 2008, 2015). É comum encontrarmos relatos sobre aprendizagens acerca da inclusão ocorrerem após o processo formativo inicial. Lopes (2017, p. 27), a partir de suas investigações acerca desse aspecto, afirma que, “nas narrativas dos professores, raros são os que se referem à inclusão dizendo que aprenderam a trabalhar com ela nas universidades ou em curso de formação continuada de professores.” A citada autora ainda complementa que é percebido um paradoxo entre o que é vivenciado na academia e a realidade escolar com a qual os professores, muitas vezes, deparam-se. Levando em consideração o argumento lançado por Lopes (2017) sobre a urgência de buscar mitigar a contradição existente, compreendemos a importância de procurar ferramentas formativas para minimizar a dicotomia evidenciada nas narrativas docentes expressas em sua pesquisa.

Pletsch (2009) argumenta que lacunas existentes no decorrer da formação inicial provocam sensação de insegurança e estranheza diante do trabalho com alunos com deficiência. Entre diferentes fatores, a falta de articulação entre os aspectos teóricos, práticos e metodológicos, conforme enuncia a autora, configuram-se como fatores tangíveis para tal situação. Na visão de Araújo e Troleis (2015), as demandas atuais necessitam ser consideradas para a elaboração de bases sólidas para o ensino. Com o intuito de evitar a incapacidade, insegurança, diante da necessidade de novos arranjos em sala de aula, os autores ainda complementam que a construção sobre a mediação de aprendizagens com diferentes recursos é tarefa a ser constituída desde a formação inicial do futuro docente. Nessa senda, retomamos o exposto por Pletsch (2009, p. 148) sobre essa discussão:

Portanto, o atual e grande desafio posto para os cursos de formação de professores é o de produzir conhecimentos que possam desencadear novas atitudes que permitam a compreensão de situações complexas de ensino, para que os professores possam desempenhar de maneira responsável e satisfatória seu papel de ensinar e aprender para a diversidade.

Entendemos que a formação do futuro professor precisa ser permeada de construtos consistentes, que envolvam situações diversificadas, visto que a sala de aula é envolta em heterogeneidades. Um dos objetivos dessa caminhada acadêmica é prepará-los para promover a participação de todos os alunos, além de possibilitar aprendizagens em diferentes áreas com seus alunos com ou sem deficiência. Logo, é imperioso buscar a transposição de barreiras ainda existentes na escola e, mais especificamente, na sala de aula.

A escola contemporânea foi planejada para atender um determinado perfil de aluno, entretanto, hoje, a demanda é outra: temos estudantes bastante diversificados. Tal demanda exige da escola uma reformulação e inovação em todo o seu sistema, com estratégias de ensino que possibilitem atender a todos os indivíduos. (NETO et al., 2018, p. 82)

Apoiando-nos no excerto em análise, compreendemos que há a necessidade de formações docentes que vislumbrem as mudanças que estão ocorrendo no interior dos ambientes escolares. Um bom exemplo são as matrículas de alunos com deficiência em classes comuns, que cresceram significativamente desde a implementação da Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva (BRASIL, 2008).

Nessa lógica, há a necessidade de uma reconstrução de saberes que atendam as demandas das diferenças que se apresentam em sala de aula. Desponta, então, por parte dos atuais e futuros professores, a necessidade de aprimoramento de práticas educativas e a utilização de estratégias de ensino coerentes que contemplem todos.

Em suma, a reflexão acerca da formação de professores que desafie o repensar sobre os saberes constituídos e construídos ao longo de sua formação é impostergável. No cenário atual, a (re)construção de conhecimentos teóricos e práticos deve fazer parte do cotidiano docente, além de fomentar o laboro daqueles que futuramente adentrarão nesse cenário educacional. Entendemos que as mudanças são constantes, os sujeitos são únicos; logo, novas posturas são essenciais diante dos múltiplos desafios que surgem no decorrer do percurso do ensinar e aprender no contexto da inclusão. Pensando nessa perspectiva, a seção seguinte traça alguns apontamentos sobre um processo formativo que englobe ações mediadas com recursos pedagógicos.

## **2 Recursos pedagógicos acessíveis: costuras em prol da formação docente**

O cenário atual tem nos interpelado a buscar por novos rumos nas relações pessoais, sociais e educacionais. Referente a este último tipo de relação, conforme estudos realizados, houve mudanças na educação de pessoas com deficiência (CARVALHO, 2012). Citamos, em especial, os processos de ensino e aprendizagem, o papel do professor e o acesso de alunos com deficiência a classes regulares. Logo, “é importante que a educação, cujo principal objetivo é a formação integral do homem, acompanhe esse desenvolvimento para, assim, preparar o sujeito para as exigências da sociedade atual.” (JUSTINO, 2013, p. 105).

Diante desse panorama, a formação docente adquire outro patamar, qual seja, preparar o docente para lidar com tais mudanças (MASETTO, 2012). Assim sendo, fazem parte desse processo desde a articulação entre teoria e prática, até o preparo, ainda que elementar, para o trabalho educacional na perspectiva da inclusão.

Dentre as construções que devem ser oportunizadas aos futuros docentes, consideramos pertinente abordar os recursos didáticos como ferramentas para instigar alunos, estimular aprendizagens, além de inovar as práticas pedagógicas. Nos dizeres de Araújo e Troleis (2015, p. 5), “recursos didáticos podem ser entendidos como ferramentas de aprendizagem utilizadas pelo professor, para facilitar o processo de mediação entre o conhecimento e o aluno.” Corroborando essa asserção, Justino (2013, p. 73) ao explicitar que,

no universo da educação, a utilização de recursos didáticos e da tecnologia inovadora, somados à prática pedagógica adequada, busca despertar o interesse para o aprendizado, pois oferecem um conjunto de recursos importantes e ferramentas de comunicação e informações, tornando-se, assim, um componente essencial de pesquisa e um potente instrumento de ensino-aprendizagem.

A utilização de recursos didáticos que perpassem o uso da lousa, do pincel e do livro didático nas escolas, vem se mostrando bastante produtiva, isso

porque, com objetivos definidos, eles podem contribuir para melhorar aprendizagens. Aditado a isso, registramos que, por ser um adendo na prática pedagógica dos professores, possibilita romper com o engessamento do ensino tradicional. Além disso, talvez seja atrativa aos alunos, fator que potencialmente estimule construções de conhecimentos.

Nesta linha de argumentação, sublinhamos também que, embora diferentes recursos propiciem uma dinâmica diferenciada em sala de aula, é importante pontuar que estes, por si mesmos, não atingem a aprendizagem efetiva do aluno. Portanto, é imprescindível a ação do professor, que deve planejar, organizar estratégias didáticas sobre como utilizar tais recursos, situação essa que efetivamente dará significado à mediação e à utilização do material (ARAÚJO, 2020).

Direcionando esta discussão para o contexto inclusivo, deparamo-nos com outro aspecto, isto é, a relevância e a necessidade de diferentes materiais didáticos serem acessíveis. Em outros termos, de que seu uso alcance o aluno com deficiência na mediação de aprendizagem utilizada pelos professores. No que concerne a este aspecto, a LBI (2015), capítulo V, “Do direito à educação”, no artigo 28, assegura: “II - aprimoramento dos sistemas educacionais, visando a garantir condições de acesso, permanência, participação e aprendizagem, por meio da oferta de serviços e de recursos de acessibilidade que eliminem as barreiras e promovam a inclusão plena.” (BRASIL, 2015).

A educação é um direito de todos, assegurado em diferentes documentos legais. Por conseguinte, sua concretização deve se efetivar em diferentes aspectos, e aqui situamos os recursos didáticos acessíveis como possibilidades para potencializar aprendizagens. Conforme adjetiva Justino (2013, p. 109), “o material didático pode tornar concreto o que é estudado por meio de palavras e tem papel importante no trabalho docente de todas as disciplinas.” Em síntese, a partir da organização e do planejamento, é possível traçar estratégias pedagógicas sistematizadas e articuladas.

Nessa conjuntura, enfatizamos também as Tecnologias Assistivas (TA), que podem ser aliadas potentes para minimizar as dificuldades e possivelmente otimizar o processo de aprendizagem de alunos com certas deficiências. Nas palavras de Bersch (2017, p. 2), é preciso mobilizar diferentes materiais, isto é,

“todo o arsenal de recursos e serviços que contribuem para proporcionar ou ampliar habilidades funcionais de pessoas com deficiência e consequentemente promover vida independente e inclusão.”

Ao discutir sobre o uso de TA, Matos et al. (2020) afirmam que sua utilização pode fomentar adaptação de recursos, minimizar barreiras e otimizar aprendizagens. Logo, na visão dos autores, ela pode estar associada ao sucesso ou não do aluno com deficiência. Os pesquisadores ainda pontuam que,

em referência à relação entre TA e o processo de inclusão escolar de alunos com deficiência, várias pesquisas têm pontuado a importância dos recursos e serviços de TA para que os alunos da educação especial possam romper as barreiras sociais e pedagógicas em seu processo de escolarização. (MATOS et al., 2020, p. 938)

Em suma, com conhecimentos coerentes sobre as deficiências, suas características, assim como potencialidades a serem estimuladas, o professor poderá buscar mecanismos para o alcance das aprendizagens de seus alunos, respeitando limites e galgando possibilidades para efetivar conhecimentos. Em outros termos, o processo formativo docente é imprescindível para que o fazer pedagógico esteja interligado às necessidades que cada aluno com deficiência apresenta em sala de aula. De modo similar, o uso de recursos pedagógicos acessíveis só se torna uma possibilidade quando a formação proporciona também experiências articuladas entre momentos teóricos, reflexivos e práticos em prol da construção de conhecimentos consistentes para uma futura ação laboral.

### **3 Costuras metodológicas**

Em termos metodológicos, a composição do trabalho se deu por diferentes costuras. Inicialmente, destacamos que esta se configura como uma pesquisa-ação, conceituada por Moreira e Caleffe (2008, p. 90) como “uma intervenção em pequena escala no mundo real e um exame muito de perto dos efeitos dessa intervenção.” Nesse sentido, com base nesse referencial, foi possível realizar intervenções e, *a posteriori*, analisar suas contribuições. A investigação apresenta ainda uma abordagem qualitativa e de cunho

exploratório. Conforme Gil (2008), estudos exploratórios buscam uma aproximação sobre determinados fatos, com vistas a traçar uma visão.

Inicialmente, foi solicitada à direção da faculdade particular, situada no município de Imperatriz/MA, a liberação para a realização da pesquisa por meio de declaração de anuência. Em seguida, foram feitos os convites aos acadêmicos(as) do quinto período de Pedagogia, visto que a disciplina de Fundamentos Teóricos Metodológicos da Educação Inclusiva é ofertada no citado período e nesta foram realizadas as ações do projeto analisado. Os discentes foram informados das intenções da pesquisa, dos objetivos, dos potenciais riscos, dos benefícios, de sua relevância, do anonimato, da confidencialidade, entre outros fatores (MAINARDES; CARVALHO, 2019). Cientes do processo e do desenvolvimento do projeto de ensino, todos se prontificaram a participar. Por questões de ética em pesquisa, todos assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, e suas identidades foram protegidas.

O projeto *Retalhos que contam...* foi desenvolvido na disciplina de *Fundamentos Teóricos Metodológicos da Educação Inclusiva*, tendo como objetivo desenvolver, por meio dos estudos relacionados às diferentes deficiências, uma ação reflexiva e contextualizada, que viesse a contribuir para o ensino e aprendizagem na perspectiva da inclusão. Foram trabalhados os conteúdos: “o que é inclusão?”; alunos público-alvo da Educação Especial; e alunos com deficiência e Acessibilidade com os alunos com deficiência. Esse projeto ocorreu no período de abril a junho de 2017, com a participação de 24 acadêmicos(as), e esteve sob a coordenação da primeira autora. O desenrolar das etapas práticas do projeto foram desenvolvidas na Oficina Pedagógica da IES pesquisada. Esse espaço é compreendido como parte integrante da formação dos acadêmicos do curso de Pedagogia; busca, de forma coletiva e interdisciplinar, refletir sobre o fazer pedagógico. Corresponde ainda a seu papel construir e reconstruir conhecimentos adquiridos mediante os embasamentos construídos em sala de aula. Assim sendo, nesse lócus, buscamos articular pressupostos teóricos das diferentes disciplinas que compõe o currículo do curso de Pedagogia com ações empíricas, como a confecção de diferentes recursos

pedagógicos, que poderão servir de suporte para a futura ação pedagógica docente.

Dado o exposto, foram utilizadas 10 horas-aula para estudos de textos teóricos que subsidiaram a temática da educação inclusiva, os quais foram mediados em sala de aula. Foram direcionadas também 12 horas-aula na Oficina Pedagógica, divididas entre planejamento e confecção dos referidos livros, totalizando 22 horas-aula para o desenvolvimento do referido projeto. Após os estudos teóricos, a turma foi dividida em 12 duplas; consideramos que, dessa forma, o trabalho possibilitaria uma melhor otimização e produtividade durante a construção dos livros. Após a organização das duplas, realizamos um momento na Oficina Pedagógica para apresentar a ideia central do projeto, os objetivos, a metodologia e o cronograma a ser seguido no decorrer das aulas previstas no referido espaço.

*A posteriori*, solicitamos que cada dupla se articulasse e criasse uma história envolvendo a temática *Inclusão e acessibilidade*. Para tanto, ressaltamos a importância do planejamento das ações, a escolha da abordagem que seria dada aos livros com base no direcionamento e a necessidade de que estes sejam acessíveis aos alunos com deficiência. Registramos ainda que a proposta visava que todos os livros fossem costurados utilizando retalhos de diferentes formas e cores. Aqui reiteramos o exposto por Menegolla e Sant’Anna (2005, p. 17) ao expressarem que planejar “é o ato de pensar sobre um possível e viável fazer.” Com esse entendimento, os alunos traçaram de forma sistematizada as ações que seriam realizadas.

Concretizada a escrita das histórias, os alunos passaram à construção dos livros. Assim, estes definiram tamanho das páginas dos livros, as quais eram de tecidos e que serviram como base para a costura dos retalhos. Em seguida, passou-se à realização dos desenhos que representariam cada história; estes foram riscados a lápis nos tecidos. Convém enfatizar que essa etapa foi realizada em parceria com a professora responsável pela Oficina Pedagógica, que atuou auxiliando na mediação referente às técnicas que seriam utilizadas, tais como: o uso do fuxico – um tipo de costura que forma uma espécie de flor – na costura dos retalhos para dar forma às imagens bem como a junção e o formato dos livros acessíveis.

Outro ponto importante refere-se à forma idealizada por cada dupla na produção dos livros, isto é, houve uma mescla de formatos e tipos de materiais construídos a partir da seleção dos retalhos. Como já descrito acima, alguns alunos optaram por usar flores de fuxico para representar os desenhos, outros, retalhos retangulares, ou ainda decidiram fazer a junção de ambas as técnicas, além de usar a textura dos tecidos para proporcionar diferentes sensações sinestésicas ao manuseio dos livros. Aqui pontuamos a importância de oportunizar autonomia aos acadêmicos mediante o desafio de compor seus retalhos e transformá-los em uma ferramenta pedagógica e acessível. Nessa perspectiva de construção, pequenos pedaços de tecidos coloridos e variados foram se ajustando, dando formas às diferentes narrativas criadas para cada dupla; a harmonia dos retalhos coloridos foi formando um cenário diferente em cada história construída.

O resultado foi a constituição de 12 livros pedagógicos acessíveis, com os seguintes títulos: *Vovó abelha*; *O peixinho Fred*; *Julinha e a noite encantada*; *A Joanelinha Ana*; *As Aventuras de Tom*; *Ser diferente*; *Olhar diferente*; *Expressão da natureza*; *Borboletinha Eficiente*; *O pavão Arco-íris*; *Ser diferente não é ser inferior*, e *Borboletinha (de) Eficiente*.

Tendo em mãos o material gerado, realizamos a análise, conforme propõe Bardin (2011). A autora argumenta que “a intenção da análise de conteúdo é a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (ou eventualmente, de recepção), inferência esta que recorre a indicadores (quantitativos ou não).” (BARDIN, 2011, p. 38). Nessa lógica, seguimos todas as etapas: pré-análise, codificação, categorização, tratamento dos resultados, com inferência e interpretação das informações fornecidas pela análise. Neste referencial, há a emergência de categorias, de modo que sistematizamos duas categorias de análises, quais sejam: *Retalhos que contam...: entrelaçamento entre teoria e prática* e *Possibilidades pedagógicas que emergiram a partir da construção dos livros acessíveis*. Na seção seguinte, realizamos o exercício analítico do material produzido pelos discentes que fizeram parte do projeto.

#### **4 Achados da pesquisa**

Esta seção se destina à análise dos livros construídos por meio do Projeto *Retalhos que contam...* Seguindo as costuras metodológicas, foram elaboradas duas categorias de análise, conforme descrito anteriormente. Começamos pela primeira delas.

#### **4.1 Retalhos que contam...: entrelaçamento entre teoria e prática**

O objetivo primordial do projeto *Retalhos que contam...* foi desenvolver, por meio de estudos teóricos e práticos sobre pessoas com deficiência, uma ação reflexiva e contextualizada em prol da construção de um ensino inclusivo. Os acadêmicos foram instigados a produzir livros que proporcionassem acessibilidade, mas que também tivessem cunho pedagógico, facultando, assim, trabalhar a temática da inclusão em sala de aula. Nesse rastro, as temáticas estudadas na disciplina *Fundamentos Teóricos Metodológicos da Educação Inclusiva* foram fundamentais para embasar os conhecimentos que seriam transpostos na construção dos livros. A Figura 1 ilustra alguns dos livros construídos pelos acadêmicos.

Figura 1 – Livros acessíveis construídos pelos acadêmicos



Fonte: Acervo das autoras (2020).

Em conformidade com as determinações da Lei n.º 10.098/2000, a acessibilidade deve visar à supressão de barreiras, ou seja, deve promover “mecanismos e alternativas técnicas que tornem acessíveis os sistemas de comunicação e sinalização às pessoas portadoras de deficiência sensorial e com

dificuldade de comunicação.” (BRASIL, 2000). Visando a abarcar diversidades referentes aos alunos com deficiência que podem estar em sala de aula, a construção dos livros contemplou partes escritas e desenhos em alto relevo. Esse aspecto vai ao encontro das possibilidades de alunos com deficiência visual terem uma experiência tátil; de igual modo, a leitura de imagens oportuniza ao aluno com surdez realizar essa ação, além de ser assonante aos alunos que ainda não tenham apropriação da língua escrita. Ainda se considerou o exercício de leitura para aqueles que já estão nesse nível. Em suma, conforme prevê a lei que trata da acessibilidade, foi possível garantir o acesso à comunicação bem como à educação (BRASIL, 2000).

Ainda nesse sentido, realçamos que materiais que oportunizem suplantarem barreiras e otimizem o processo educacional podem ser considerados TA. Conforme argumentam Cardozo, Galhardo e Santos (2020, p. 839), o objetivo de uma TA reside em propiciar “maior independência, qualidade de vida e inclusão social, por meio da ampliação de sua comunicação, mobilidade, controle de seu ambiente, habilidades de seu aprendizado e trabalho.” Baseando-nos nessa premissa, pontuamos que tais livros se adequam ao exposto pelos autores no que concerne às aprendizagens para alunos com deficiência visual, averiguamos, assim, que houve a busca pela minimização de barreiras e uma otimização das aprendizagens. Para exemplificar, destacamos, na Figura 2, o livro *O peixinho Fred*, feito em alto relevo, com tecidos de diferentes texturas para melhorar a exploração tátil, a possibilidade do exercício da leitura para aqueles que têm baixa visão, além da construção de conhecimentos das formas, por exemplo, a de um peixe.

Figura 2 – Livro acessível para alunos com deficiência visual



Fonte: Acervo das autoras (2020).

Dada a análise dos livros, confirmamos que, com uma mescla e composição de materiais simples, foi identificada uma gama de possibilidades para a construção de um recurso pedagógico acessível que objetivou suprimir certas barreiras com os alunos com deficiência visual. Essa possibilidade também se mostrou criativa e talvez instigante para os alunos que façam seu manuseio, além de atender, por exemplo, necessidades específicas de alunos com baixa visão, cegos, com autismo, entre outros, concretizando, assim, acessibilidade e inclusão, direitos assegurados que carecem ser implementados. Nos dizeres de Lebedeff, Santos e Silva (2014, p. 74),

em qualquer setor da sociedade, principalmente na área educacional, é importante compreender que não se pode falar de inclusão sem acessibilidade, e pensar em acessibilidade sem inclusão. Esses dois conceitos estão intrinsecamente ligados. Se inclusão é paradigma, é premissa educacional, a acessibilidade é sua ferramenta de realização.

No processo formativo de futuros docentes, é condição indispensável ter construções que contemplem os princípios inclusivos; aqui registramos a acessibilidade como mecanismo para que o direito de ir, vir, o acesso aos diferentes materiais, a uma educação que atenda às necessidades de alunos com deficiência, entre outros, aconteçam. Nessa senda, consideramos a relevância de as formações vislumbrarem a constituição de um cabedal teórico

e prático com ferramentas que fomentem uma inclusão mais efetiva bem como sua operacionalização a favor do processo de ensino e aprendizagem (VOOS; FERREIRA, 2018).

No que tange ao uso de TA, incorporamos a esta discussão os estudos de Santos et al. (2020), realizados em Salas de Recursos de Multifuncionais de escola de Manaus, Amazonas (AM). Os autores argumentam, pautados em Manzini (2014 apud SANTOS et al., 2020), que, diante do exposto na LBI acerca da acessibilidade, é possível realizarmos uma aproximação ao uso de TA no âmbito educacional. Nesse referencial, foi denotado que o material confeccionado “de forma artesanal aprecia as necessidades presentes na área educacional. Esses materiais podem ser feitos a partir de matérias acessíveis para o uso, como: órtese moldável (material: metal, EVA, entre outros).” (SANTOS et al., 2020 p. 942). Logo, além de propiciar a acessibilidade para um tipo de deficiência, qual seja, a visual, o livro produzido por uma das duplas pode se configurar como uma TA, diante das possibilidades constatadas neste material pedagógico.

Com as lentes teóricas que sustentam esta investigação, foi possível averiguar ainda a articulação entre os estudos teóricos e a criação dos livros em análise. Os conteúdos sobre a acessibilidade, as TA e a inclusão social e educacional foram pontos ratificados na transposição para as páginas em tecidos dos livros confeccionados. Além disso, trabalhamos em sala de aula a prática docente com algumas deficiências, bem como aspectos necessários para atender determinadas características, de acordo com cada condição estudada.

Nessa lógica, tendo como base o exposto anteriormente, buscamos identificar as construções teóricas dos alunos participantes da pesquisa. A seguir, os excertos de algumas fábulas selecionadas nos auxiliam nisso:

Em um pequeno bosque havia três porquinhos gordinhos e espertos, mas um era um pouco diferente. O pequeno Tom tinha dificuldade de compreender as coisas que aconteciam ao seu redor, vivia sempre distante. Os três irmãos gostavam muito de passear e certa vez em um desses passeios se perceber Tom se afastou de seus irmãos e se perdeu. (Livro *As Aventuras de Tom*)

Lili é uma linda e colorida borboletinha, embora deficiente de uma das asas não sente diferente das outras borboletas. Mas um dia veio uma nova família de borboletas morar no mesmo campo que Lili e seus amigos. Estes fizeram logo amizade com todos, mas não gostam de

brincar com Lili porque ela tinha uma asa deficiente. (Livro *Borboletinha (de) Eficiente*)

A mamãe urso teve três filhotes, dois bem fofinhos e um meio desajeitado. A sua diferença acentuava quando o levava para pegar sol pois outros ursinhos percebiam que ele era diferente. A mamãe urso resolveu juntar todas as mamães e seus filhotes e explicar o que se passava com seu filho. Explicou que embora ele tivesse uma perna menor não era diferente. (Livro *Ser Diferente*)

Os excertos selecionados indicam que as deficiências trabalhadas nas aulas teóricas da disciplina de Educação Especial foram apresentadas de forma dinâmica na elaboração das histórias contidas nos livros analisados. Ao destacarmos o aspecto conceitual, embasamo-nos na LBI n.º 13.146/2015 quando especifica, no capítulo I, artigo 2º, que são consideradas pessoas com deficiências aquelas

que tem impedimento de longo prazo de natureza física, mental, intelectual ou sensorial, o qual, em interação com uma ou mais barreiras, pode obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade em igualdade de condições com as demais pessoas. (BRASIL, 2015)

Logo, a partir desse embasamento, confirmamos que as histórias dos livros condizem com as temáticas trabalhadas na turma de Pedagogia. Com base nos resultados aqui evidenciados, agregamos que houve uma convergência com estudos teóricos sobre o tema *inclusão*. Em particular, destacamos os conteúdos *acessibilidade e deficiências que constituem o público da Educação Especial em uma perspectiva inclusiva* e a transposição dessas temáticas às histórias que compuseram os livros. Tal situação nos permite inferir que, no decorrer da formação docente, há possibilidades de realizarmos uma práxis imbricada às demandas da sociedade contemporânea.

#### **4.2 Livros acessíveis: possibilidades pedagógicas em prol do ensino sobre as deficiências**

A educação inclusiva visa a abarcar todos em suas singularidades para que a aprendizagem seja eficaz e tenha significado. Na busca por elementos que contemplem as especificidades desses sujeitos e, ao mesmo tempo, proporcionem conhecimento a estes e aos demais atores sociais inseridos nesse

processo, intentamos saber os aspectos pedagógicos concretizados a partir das construções dos acadêmicos e confirmados na análise realizada nos livros por ele produzidos. Os excertos abaixo denotam essa questão:

Ana ficou pensativa e resolveu procurar o joaninho para entender por que as outras joaninhas voaram para longe dela. O sábio joaninho fez com que Ana percebesse que sua cor era diferente das demais joaninhas. Enquanto olhava a paisagem, o sábio mostrava as diferenças entre os seres da mesma espécie. Deu exemplo das flores que mesmo com formatos e cores diferentes não deixavam de ser flores. Assim, acontecia a mesma coisa com as joaninhas. (Livro *A Joaninha Ana*)

No decorrer dos dias, Lili não brincava e não voava mais por entre as flores do jardim, ficava o tempo escondidinha debaixo de uma pétala de flor. Seus amigos perceberam que a indiferença daqueles novos amigos em relação à Lili e foram conversar com eles. As borboletas recém-chegadas sentiram muita vergonha de julgar Lili pela sua aparência física, dali em diante passaram a respeitá-la e convidá-la para brincar. (Livro *Borboletinha (de) Eficiente*)

Os acadêmicos, ao destacarem nas histórias a temática do preconceito, da discriminação e do esclarecimento sobre a diversidade de que há entre os sujeitos – representados nos livros pela variedade de fauna e flora – e sobre a aceitação às diferenças, sobre o respeito, levantam algumas questões que se encaixam nos estudos concernentes à inclusão. No trecho “Ana ficou pensativa e resolveu procurar o joaninho para entender por que as outras joaninhas voaram para longe dela”, do Livro *A Joaninha Ana*, fica evidenciado o preconceito e a discriminação que, muitas vezes, são percebidos no contexto educacional entre os colegas de sala de aula. Nessa lógica, inferimos que, por meio do citado livro, há a possibilidade de uma abordagem sobre esse tópico com os alunos – com ou sem deficiência – em prol do respeito e aceitação das diferenças.

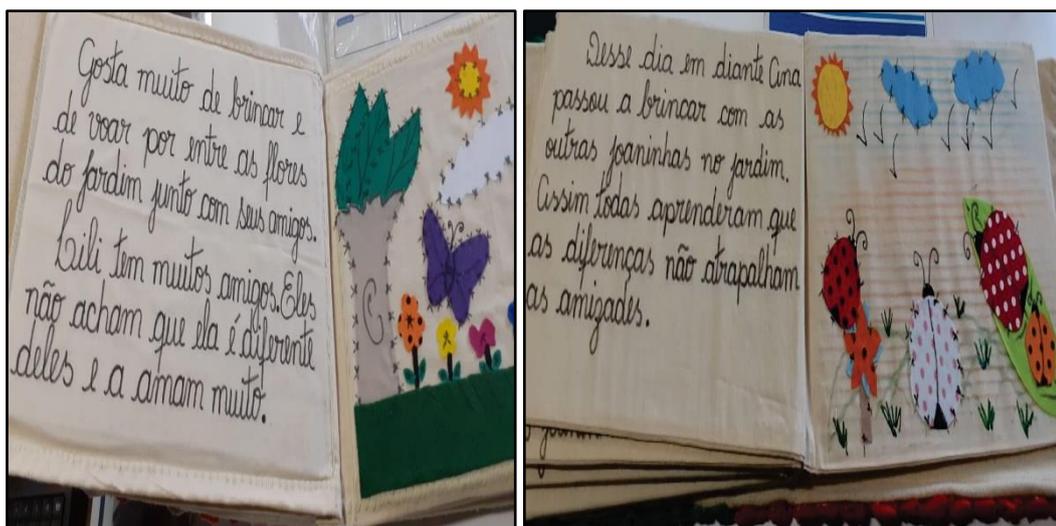
A busca por erradicar a discriminação é compreendida como uma diretriz no Plano Nacional de Educação (PNE) de 2014, aspecto que sinaliza a relevância de problematizar e buscar sanar situações que denotem discriminação. Por consequência, tem-se como passo primordial reconhecer que práticas discriminatórias ocorrem no ambiente escolar. Em seguida, faz-se urgente que diversas ações sejam “empreendidas para atenuar tais práticas e possibilitar a convivência.” (GRÄFF, 2017, p. 122).

Com base nessa premissa, a realização de um trabalho pedagógico dessa natureza, com recursos pedagógicos contextualizados, é imprescindível,

em virtude de situações sociais que potencialmente podem acontecer. Além disso, ele vai ao encontro da necessidade de promover ações que proporcionem esclarecimentos sobre os direitos assegurados às pessoas com deficiência na contemporaneidade. No que se refere a essa questão, a LBI, capítulo II, artigo 5º, pontua que “a pessoa com deficiência será protegida de toda forma de negligência, discriminação, exploração, violência, tortura, crueldade, opressão e tratamento desumano ou degradante.” (BRASIL, 2015).

De igual modo, é possível focar a aceitação das diferenças no Livro *Borboletinha (de) Eficiente*. A narrativa arquitetada pelos acadêmicos permite que haja uma reflexão inicial sobre o preconceito acerca da aparência física e da indiferença. E o desfecho do livro, diante do diálogo sobre as heterogeneidades, revela a possibilidade da mudança das acepções acerca das deficiências. De acordo com o excerto “as borboletas recém-chegadas sentiram muita vergonha de julgar Lili pela sua aparência física, dali em diante passaram a respeitá-la e convidá-la para brincar”, há a viabilidade pedagógica de um trabalho aprofundado sobre a relevância do conhecimento sobre as deficiências, o preconceito com o desconhecido e o respeito às diferenças. Argumentam sobre esse aspecto, Oliveira e Weshenfelder (2017, p. 87), ao pontuarem que, “com a chegada das políticas públicas de inclusão na escola, a diferença é uma das questões mais presentes e desafiadoras.” Como mostra a Figura 3, os escritos apresentam as concepções construídas positivamente no desfecho dos livros analisados.

Figura 3 – Trechos que indicam mudanças de concepções e respeito às diferenças



Fonte: Acervo das autoras (2020).

Como exposto nos escritos dos livros destacados na Figura 3, podemos dizer que, a partir do conhecimento do outro, de suas características, singularidades, a estranheza dá lugar à possibilidade de socialização, à convivência entre os seres que habitam o mesmo espaço. Ao transpor os excertos em análise para nossa realidade, podemos afirmar sobre a importância de conhecer as diversidades. Isso porque são muitos os desafios para aqueles considerados fora do padrão instituído socialmente como normal, de modo que se faz premente problematizarmos essas questões. Como bem pontua Gräff (2017, p. 138), “conhecer os discursos que circulam na educação, no que se refere à diversidade, parece importante para reverter o quadro de discriminação desenhado para a educação brasileira ao longo da última década.”

Diante do exposto, a escola constitui-se um importante locus para propiciar mudanças de concepções, (des)construções e posturas diferenciadas perante a diversidade. Portanto, é impostergável que os futuros professores obtenham aparatos para mediar ações pedagógicas sobre a temática da inclusão (PLESCHT, 2014).

A investigação empreendida por Oliveira e Weshenfelder (2017) nos convida a refletir sobre o processo formativo docente. Segundo os autores, embora a proposta da educação inclusiva tenha sido implementada há alguns anos, tendo como consequência o acesso de alunos com deficiência nas salas

regulares, ainda são recorrentes alguns discursos que narram a ausência de suporte no período da formação inicial. Posto isso, registramos a necessidade de que a academia busque articular os conhecimentos que fazem parte de suas matrizes curriculares ao trabalho pedagógico que deve ser realizado no contexto educacional inclusivo.

Em suma, diante da análise realizada, indicamos que as ações praticadas no decorrer do projeto *Retalhos que contam...*, responderam, ainda que de modo provisório, à necessidade de abordar a temática da inclusão vinculando conhecimentos teóricos ao fazer pedagógico desses futuros profissionais. A construção dos livros pedagógicos acessíveis se revelou uma ferramenta produtiva para o aprendizado dos acadêmicos, igualmente foi possível constatar a viabilidade de um processo formativo concatenado e consistente com práticas que podem ser instigantes e motivadoras ao futuro professor.

### **Algumas amarrações**

O ensino inclusivo deve visar à construção de conhecimentos aos diferentes públicos que carecem de ferramentas específicas, entre os quais encontram-se alunos que possuem alguma deficiência. Nesse sentido, é impostergável que haja uma preparação consistente aos futuros docentes para exercer um laboro que atenda às necessidades de todas as diferenças existentes em sala de aula (CARVALHO, 2012). Pensar em ferramentas que potencializem e estreitem a relação entre a teoria e a prática nas atividades cotidianas de sala de aula regular é tarefa do professor. Logo, no decorrer do processo formativo, ter conhecimentos teóricos e fundamentos para uma prática imbricada em sala de aula é indispensável.

A investigação realizada com os acadêmicos do quinto período do curso de Pedagogia de uma faculdade no município de Imperatriz/MA se mostrou potente para a mediação de conhecimentos acerca da educação inclusiva. Os alunos demonstraram concepções construídas ao longo dos estudos teóricos sobre as deficiências, entre as quais citamos: conceitos sobre as deficiências e as características das deficiências bem como formas de realizar um trabalho inclusivo atendendo a diversidade. De igual modo, a produção dos livros

pedagógicos acessíveis ratificou a convergência entre teoria e prática em prol de atendimento às necessidades de alunos com deficiência.

Sabemos da relevância de uma formação consistente que oportunize bases para o futuro fazer pedagógico. Nesse sentido, pensar no desenvolvimento de um projeto que vislumbresse a articulação teórica, metodológica e prática permitiu colocar os acadêmicos diante da necessidade de refletir, planejar e buscar ações concretas que contemplassem os alunos com deficiência na escola regular (OLIVEIRA; WESCHENFELDER, 2017). Ainda foi possível colocar os participantes do estudo em contato com recursos pedagógicos que podem servir como embasamentos e possibilidades para fazer parte de suas futuras práticas.

A construção dos livros pedagógicos acessíveis na Oficina Pedagógica possibilitou aos acadêmicos compreenderem a importância das possibilidades de ensinar no contexto da inclusão em uma sala de aula regular. Entendemos que todo o processo ocasionou a eles (des)construções de alguns saberes talvez enraizados, assim como novas concepções e posturas diante da diversidade. Inspiradas em Lopes (2017), frisamos a importância do exercício da desconfiância diante de situações naturalizadas e dos regimes de verdade. Nesse trilho, intentamos produzir “conhecimentos que esperamos ser capazes de subsidiar reflexões e novas práticas no campo da educação e da pedagogia.” (LOPES, 2017, p. 30).

Posto isso, ratificamos a relevância de mesclar os fundamentos teóricos aos elementos práticos na formação de futuros professores. O projeto *Retalhos que contam...* se mostrou muito produtivo no imbricamento entre teoria e prática, aspecto demonstrado nesta investigação que visualizou a assonância propiciada. Dessa maneira, o presente estudo foi imprescindível para registrar os saberes construídos na formação docente, além evidenciar a potencialidade de ferramentas concretas que podem servir como construtoras de uma nova concepção sobre a prática pedagógica.

Em síntese, o referido projeto demonstrou como o dinamismo pode ser explorado diante das necessidades dos alunos com deficiência na educação básica. As práticas realizadas evidenciaram também um trabalho colaborativo entre os acadêmicos, constatamos que estes criaram livros pedagógicos

contextualizados, com histórias direcionadas às situações cotidianas. Outro fator a ser registrado refere-se à coerência, à harmonia e à criatividade na criação das imagens que buscaram valorizar as diferenças existentes na sociedade. Finalizamos as costuras desta pesquisa destacando as potencialidades, as ressignificações, os modos outros de pensar a formação docente com experiências empíricas construídas no cotidiano da academia.

## Notas

\* Doutora em Ensino (Univates), Docente da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), *campus* de Imperatriz. Docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Formação Docente em Práticas Educativas-PGFOPRED/UFMA, [francisca.agapito@ufma.br](mailto:francisca.agapito@ufma.br).

\*\* Mestra em Ensino (Univates), Docente do Setor de Inclusão e Atenção a Diversidade (Siadi) da Rede Municipal de Imperatriz/MA, [anapedagog@hotmail.com](mailto:anapedagog@hotmail.com).

## Referências

ARAÚJO, Elizabete Cristina Dantas de; TROLEIS, Adriano Lima. Recursos didáticos, formação inicial docente e o processo de ensino e aprendizagem no Pibid geografia UFRN. **Confins**, São Paulo, v. 25, p. 1-17, 2015. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/confins/10605?lang=pt>>. Acesso em: 30 mar. 2020.

ARAÚJO, Liane Castro de. Jogos como recursos didáticos na alfabetização: o que dizem e fazem as professoras. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 36, p. 1-31, 2020. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/edur/v36/1982-6621-edur-36-e220532.pdf>>. Acesso em: 29 mar. 2021.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011.

BERSCH, Rita. Introdução à tecnologia assistiva. In: SARTORETTO, Mara Lúcia; BERSCH, Rita. **Assistiva: tecnologia e Educação**. Porto Alegre, 2017. Disponível em: <[http://www.assistiva.com.br/Introducao\\_Tecnologia\\_Assistiva.pdf](http://www.assistiva.com.br/Introducao_Tecnologia_Assistiva.pdf)>. Acesso em: 07 jan. 2023.

BRASIL. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Brasília, DF: Presidência da República: [2019]. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/ldb.pdf>>. Acesso em: 25 fev. 2020.

\_\_\_\_\_. Lei n.º 10.098, de 19 de dezembro de 2000. **Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil**, Brasília, DF, 20 dez. 2000. Seção 1, p. 2.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 13.005, de 25 de junho de 2014**. Aprova o Plano Nacional de Educação - PNE e dá outras providências. Brasília, DF: Presidência da

República, 2014. Disponível em:  
<[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2014/lei/l13005.htm)>.  
Acesso em: 04 nov. 2022.

\_\_\_\_\_. **Lei n. 13.146, de 06 de julho de 2015**. Institui a Lei Brasileira de Inclusão da Pessoa com Deficiência (Estatuto da Pessoa com Deficiência). Brasília, DF: Presidência da República, 2015. Disponível em: <[http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/\\_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2015-2018/2015/Lei/L13146.htm)>.  
Acesso em: 15 jun. 2022.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação. **Política Nacional de Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva**. Brasília, DF: MEC, 2008. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/politicaeducspecial.pdf>>. Acesso em: 12 jun. 2021.

CARDOZO, Julia Marcela Oliveira Frasson; GALHARDO, Cristiane. Xavier; SANTOS, Viviani Marques Leite dos. Estudo Prospectivo sobre Tecnologia Assistiva na Educação Escolar para Criança com Deficiência Intelectual/Mental. **Cadernos de Prospecção**, Salvador, v. 13, n. 3, p. 837-851, jun. 2020. Disponível em:  
<<https://cienciasmedicasbiologicas.ufba.br/index.php/nit/article/view/31989/21146>>. Acesso em: 07 ago. 2021.

CARVALHO, Rosita Edler. **Escola inclusiva: a reorganização do trabalho pedagógico**. Porto Alegre: Mediação, 2012.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GRÄFF, Patrícia. Inclusão e diversidade na escola básica: respeito e tolerância para viver com as diferenças. *In*: LOUREIRO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos (org.). **Inclusão e aprendizagem: contribuições para pensar as práticas pedagógicas**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. p. 121-141.

JUSTINO, Marinice Natal. **Pesquisa e recursos didáticos na formação e prática docentes**. Curitiba: InterSaberes, 2013.

LEBEDEFF, Tatiana Bolivar; SANTOS, Juliana Sanches dos; SILVA, Maitê Maus da. Acessibilidade para a comunidade acadêmica surda da UFPel: memórias de uma experiência. *In*: PIECZLOWSKI, Tania Mara Zancanaro; NAUJORKS, Maria Inês. (org.). **Educação, inclusão e acessibilidade: diferentes contextos**. Chapecó: Argos, 2014. p. 73-102.

LOPES, Maura Corcini. Inclusão: processos de subjetivação docente. *In*: LOUREIRO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos. (org.). **Inclusão e aprendizagem: contribuições para pensar as práticas pedagógicas**. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. p.17-32.

MAINARDES, Jefferson; CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. Autodeclaração de princípios e de procedimentos éticos na pesquisa em Educação. In: ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA EM EDUCAÇÃO. **Ética e pesquisa em Educação**: subsídios. Rio de Janeiro: ANPEd, 2019. p. 130-133.

MASETTO, Marcos Tarcísio. **Competência pedagógica do professor universitário**. 2 ed. rev. São Paulo: Summus, 2012.

MATOS, Maria Almerinda de Souza; SANTOS, Christiane Bruce dos; SOUZA, Danilo Batista de; SADIM, Geyse Patrizzia Teixeira. Os recursos de acessibilidade e tecnologia assistiva na sala de recursos multifuncionais nas escolas municipais de Manaus/AM. **RIAAE**: Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação, Araraquara, v. 15, n. esp. 1, p. 932-947, maio 2020. Disponível em: <  
<https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/13509/9012>>. Acesso em: 04 ago. 2022.

MENEGOLLA, Maximiliano; SANT' ANNA, Ilza Martins. **Por que planejar? Como planejar? Currículo - Área – Aula**. Petrópolis: Vozes, 2005. (Coleção Escola em debate).

MOREIRA, Herivelto; CALEFFE, Luiz Gonzaga. **Metodologia da pesquisa para o professor pesquisador**. 2 ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2008.

NETO, Antenor de Oliveira Silva; ÁVILA, Éverton Gonçalves; SALES, Tamara Regina Reis; AMORIM, Simone. Silveira; NUNES, Andréa Karla Ferreira; SANTOS, Vera Maria. Educação inclusiva: uma escola para todos. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 81-92. jan./mar. 2018. Disponível em: <  
<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24091/pdf>>. Acesso em: 09 ago. 2020.

OLIVEIRA, Sandra de; WESHENFELDER, Viviane Inês. Práticas in/exclusivas e os modos de ser professor(a) na contemporaneidade. In: LOUREIRO, Carine Bueira; KLEIN, Rejane Ramos. (org.). **Inclusão e aprendizagem**: contribuições para pensar as práticas pedagógicas. 1. ed. Curitiba: Appris, 2017. p. 77-99.

PIMENTA, Selma Garrido. **Saberes pedagógicos e atividades docente**. 4. ed. São Paulo: Cortez, 2005.

PIMENTEL, Susana Couto. Formação de professores para a inclusão: Saberes necessários e percursos formativos. In: MIRANDA, Therezinha Guimarães; FILHO, Teófilo Alves Galvão. **O professor e a educação inclusiva**: formação, práticas e lugares. Salvador: EDUFBA, 2012. p. 139-155.

PLETSCH, Márcia Denise. A formação de professores para a educação inclusiva: legislação, diretrizes políticas e resultados de pesquisas. **Educar**,

Curitiba, n. 33, p. 143-156, 2009. Disponível em: <  
<https://www.scielo.br/pdf/er/n33/10.pdf>>. Acesso em: 24 jun. 2020.

VOOS, Ivani Cristina; FERREIRA, Gabriela Kaiana. Acessibilidade para estudantes cegos e baixa visão: análise dos objetos educacionais digitais de física. **Revista Educação Especial**, Santa Maria, v. 31, n. 60, p. 21-34, jan./mar. 2018. Disponível em:  
<<https://periodicos.ufsm.br/educacaoespecial/article/view/24380/pdf>>. Acesso em: 26 mar. 2020.

Recebido em: dezembro/2021.  
Aprovado em: dezembro/2022.